

Mesa-redonda

A produção de pesquisas sobre inglês aeronáutico no Brasil: desafios e contribuições

Matilde V. R. Scaramucci

Unicamp

Início esta fala pedindo desculpas, principalmente aos organizadores do evento, por não poder estar aqui. Foram motivos de força maior. Quero agradecer, principalmente à Patrícia, que muito batalhou por este evento, pela compreensão dos motivos da minha ausência, e também à Silvia, que compõe esta mesa, parceiras muito queridas na organização do livro que acabamos de publicar. Não poderia deixar de agradecer à Beatriz por ter aceito ser minha mensageira.

Meu objetivo, nesta breve apresentação, é mostrar como se deu meu envolvimento com a área de inglês aeronáutico, e trazer alguns detalhes sobre o projeto de validação inicial do EPLIS, que coordenei em 2010, e como essa participação abriu outros caminhos e oportunidades de orientação de teses de mestrado e doutorado, incentivando reflexões sobre a complexa problemática do inglês aeronáutico. Como a Bia fez parte de toda essa história, poderá complementar muito bem o que estou dizendo aqui.

Embora não seja o foco principal desta fala, gostaria também de justificar a importância de não apenas produzirmos mas, acima de tudo, também de disseminarmos pesquisas em português, mesmo quando se trata de uma temática de interesse internacional, como é a do inglês no contexto da aviação.

Não me lembro muito bem do ano, mas tudo começou quando o Tenente Silvério, após ler um artigo meu publicado em 2000 na revista *Trabalhos em Linguística Aplicada*, resolveu agendar uma conversa para discutir a aplicabilidade ou adequação da visão de proficiência que eu defendia no contexto de inglês aeronáutico.

Intitulado *Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais*, o artigo aborda o conceito de proficiência em LE como um conceito relativo e não absoluto, **não** baseado na proficiência do falante nativo (que neste caso, só poderia ser ideal) e, portanto, variável, composto por níveis e dependente dos propósitos de uso da língua em questão. Meu argumento é que a afirmação “Fulano de tal é proficiente em inglês”, comumente usada, é incompleta e necessita de qualificações, na medida em que reflete uma visão de proficiência absoluta. O mais adequado seria dizer: “Fulano de tal é proficiente para

E aqui os complementos refletem as necessidades das situações: estudar em uma universidade em que o inglês é o meio de instrução; ler textos em inglês, ou, sendo ainda mais específica, ler textos de sua área em inglês, ou ainda, desempenhar a função de controlador de voos internacionais, que é específica de nosso contexto em questão.

O que estou querendo dizer é que essa visão de proficiência que defendo é sempre dependente das situações de **uso** e, portanto, das necessidades que ela suscita e, como tal, portanto, precisa ser sempre qualificada pela explicitação de um propósito. O que nos leva a pensar que uma proficiência geral seria praticamente inexistente. Essa visão tem, sem dúvida alguma, implicações importantes não só para a própria avaliação em geral e especificamente no nosso contexto, mas também para o ensino.

Beatriz acompanhou o então capitão Silvério em uma segunda conversa e no semestre seguinte, resolveu fazer, como aluna especial, o curso de avaliação que eu oferecia na pós-graduação da Unicamp.

Quando surgiu a oportunidade de elaborar um exame de proficiência para controladores, fui contatada por volta de 2006/2007. Juntamente com a profa.

Rosinda Guerra Ramos chegamos a fazer uma proposta, para o desenvolvimento de materiais para a capacitação e elaboração da avaliação, que não foi aprovada, pois o exame acabou sendo elaborado por uma equipe de controladores de diversas partes do Brasil, coordenados pelo ICEA.

Entretanto, mais tarde, em 2009, surgiu a chance de validá-lo. Embora a validação não seja, infelizmente, ainda uma tradição nem mesmo nos exames nacionais de larga-escala em nosso país foi, felizmente, uma exigência da OACI. Nesse caso, o processo deveria ser conduzido por um linguista aplicado especialista em avaliação, seguindo padrões internacionais, e minha proposta foi aprovada.

Como todos vocês sabem, embora a OACI não estipule um exame único para a avaliação da proficiência dos Controladores de Tráfego Aéreo deixa a critério de cada país decidir que exame adotar. Também não oferece uma fórmula única para o processo de validação, porque esse depende da natureza do exame. Entretanto, fornece um código de ética e uma amostra de um código de prática para guiar o desenvolvimento/validação dos exames, que devem seguir um padrão internacional.

O projeto, intitulado VALIDAÇÃO DO EXAME DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA PARA PROFISSIONAIS PRESTADORES DE SERVIÇOS DE TRÁFEGO AÉREO DO SISCEAB foi conduzido através de um convênio Unicamp/CTCEA (que patrocinou o projeto) de outubro de 2009 a outubro de 2010. Além da coordenadora, a equipe era composta por mais quatro membros, sendo duas colegas doutoras, uma mestranda e uma licencianda, todas atuantes na área de avaliação. Trabalhamos durante um ano inteiro na geração e análise de dados de fontes diversas, utilizando instrumentos tb diversos (entrevistas com candidatos, controladores civis e militares, grupos focais, análises documentais e bibliográficas, observações na torre de Guarulhos e Congonhas, entre outros). Produzimos 4 relatórios parciais e um final, este de 243 páginas, em que documentamos nossas análises e inúmeras sugestões de aprimoramento do exame, muitas das quais já

implementadas.

No que consiste a validação de um exame?

Principalmente quando nossas **alegações** e **decisões feitas com base em resultados de exames** são de alta relevância (*high-stakes*) torna-se necessário verificar se são defensáveis. Para isso, temos que fornecer uma argumentação que relacione a evidência (ou seja, a nota, os resultados) à alegação. Lembrando, exames de alta-relevância são aqueles em que decisões importantes, que afetam as vidas das pessoas, são tomadas com base em seus resultados.

A essa investigação damos o nome de validação, ou melhor, nos tempos atuais, **validação de construto**, num processo semelhante ao que ocorre em processos criminais. Validação é uma investigação, um projeto de pesquisa, de coleta e análise de evidências. Não existe uma fórmula única; depende da natureza do exame, de suas virtudes e pontos fracos.

Validação de construto é o processo de coleta de evidências para dar apoio ao argumento de que um teste realmente avalia aquilo que os elaboradores declararam que ele avalia. O objetivo, nesse caso, é determinar o significado dos escores ou notas do teste para garantir que eles signifiquem o que o especialista esperava que significassem (EBEL E FRISBIE (1991).

Validade de construto, portanto, refere-se ao “julgamento do grau em que as evidências empíricas e as justificativas teóricas apoiam a adequação das inferências e das ações baseadas nos resultados dos testes e outros modos de avaliar”(MESSICK 1989: pg 13). Não é, portanto, um conceito de tudo ou nada, mas há graus de validade. Embora haja a necessidade de uma validação inicial, geralmente antes de o exame tornar-se operacional, como aconteceu com o EPLIS, essa validação não se esgota nesse processo, que deve durar a toda a existência do exame. Novas versões vão sendo adicionadas e têm que ser validadas.

Resumindo, resultados de testes ou exames são usados para fazermos **inferências ou interpretações** sobre o desempenho daqueles que a eles se submetem. Essas inferências vão servir de base para as nossas decisões (aprová-los ou reprová-los, classificá-los em um determinado nível, dentre outros, dependendo da natureza do teste). Não podemos, pois, fazer **inferências (são sempre inferências, nunca verdades!)** sobre os resultados de um exame elaborado para um determinado fim sem antes justificá-las, ou **sem fornecer explicações e evidências que justifiquem esse uso.**

Ao elaborar um exame, é necessário que seja explicitado, pelos seus elaboradores, de forma muito clara, o que está sendo avaliado (seu construto). Esse construto é representado nas especificações, que por sua vez, são representadas nos itens e tarefas e nas grades de correção, num processo que vai do mais abstrato para o mais concreto.

As inferências a respeito dos resultados do exame somente poderão ser consideradas válidas se o que está sendo avaliado for uma amostra precisa e completa da capacidade que o exame está avaliando. Para podermos afirmar que as inferências são válidas, é necessário coletar e analisar evidências, que são de natureza diversa e dependem da natureza do exame. Esse processo vai nos permitir afirmar que as inferências que fazemos com base dos resultados do exame possam ser consideradas válidas e adequadas.

O processo de validação compreendeu dois estudos:

Estudo I: sub-teste de compreensão oral

a) análise da correspondência entre as especificações propostas pelos elaboradores e cada um dos quatrocentos itens que compunham o banco de itens para investigar se o que estava sendo proposto nas especificações estava realmente sendo operacionalizado nos itens do exame;

- b) análise da correspondência entre as escalas de avaliação propostas pela OACI e o sistema de aferição de notas do exame;
- c) análise dos resultados das várias aplicações e dados dos candidatos (nível de proficiência declarado, anos de estudo da língua, idade, etc);
- d) coleta e análise das percepções de protagonistas diversos (ATCo, OEA, professores, aplicadores, etc) sobre a adequação do exame à sua situação de uso e de suas percepções sobre o impacto do exame em suas práticas
- e) análises estatísticas diversas (análise de viés, confiabilidade);
- f) documentação e análises do processo de elaboração e calibragem dos itens;
- g) análise da eficiência e segurança do sistema de aplicação pelo computador;
- h) análise dos materiais de divulgação do exame.

Estudo II: sub-teste de interação face a face

- a) análise da correspondência entre as especificações propostas pelos elaboradores e de cada um dos conjuntos de perguntas que servem de roteiro para as entrevistas para se investigar se o que está sendo proposto nas especificações está sendo realmente operacionalizado nos itens do exame;
- b) análise da correspondência entre o construto do exame e as grades da OACI;
- c) análise dos resultados das várias aplicações e dados dos candidatos envolvidos (nível de proficiência declarado, anos de estudo da língua, idade, etc);
- d) cálculo de índices de confiabilidade intra- e entre- avaliadores.

O projeto foi guiado pelas seguintes **perguntas de pesquisa**:

1. O construto e a implementação do exame incluem todos e apenas os elementos necessários? Esses elementos estão bem equilibrados?
2. Esses elementos interagem no exame da mesma forma que o fazem na vida real?
3. Os sistemas de avaliação testam o desempenho dos candidatos em situações que se assemelham às aquelas que têm que desempenhar no dia a dia de sua profissão?

4. Os critérios de avaliação avaliam o desempenho no exame da mesma forma em que o desempenho no dia a dia da profissão é avaliado?
5. Há elemento (s) no exame que faz (em) com que os candidates, ou um grupo deles, tenham um desempenho que seja menos do que ótimo?
6. Os resultados podem ser generalizáveis?

Não tenho tempo suficiente para apresentar os detalhes e fazer jus à complexidade do projeto e dos resultados alcançados. Entretanto, não poderia deixar de mencionar que uma das questões que mais nos chamou a atenção foi a falta de um entendimento mais profundo -- da área em geral - sobre a **natureza da linguagem** utilizada nas interações por radiotelefonia, linguagem essa que está sendo operacionalizada nos vários exames para esse contexto. E que continua a ser objeto de nossas pesquisas.

Meu contato com a equipe do ICEA foi bastante intenso, principalmente durante o processo de validação. A necessidade de elevar o nível de letramento em avaliação dos envolvidos ficou muito clara para todos. Fui convidada no ano seguinte para dar um curso sobre elaboração de itens, em que discutimos questões importantes para a avaliação no contexto do inglês aeronáutico.

Os desafios da área motivaram alguns membros da equipe de professores de inglês a iniciarem pesquisas sob minha orientação. Beatriz Aragão e Natália Guerreiro estão terminando suas dissertações de mestrado, Natália Andrade, de doutorado. Paula Ribeiro e Souza já concluiu seu doutorado. Ana Lígia Carvalho, por tomar conhecimento desse nicho de pesquisas na Unicamp, nos procurou, tendo já concluído seu mestrado, estando com o doutorado em andamento. Alguns relatos dessas pesquisas podem ser conferidos no livro que publicamos.

Não posso deixar de reconhecer que a oportunidade dessa parceria muito me fez crescer profissionalmente, me dando a chance de partilhar meus conhecimentos em avaliação e fazer reflexões sobre uma problemática de extrema relevância para a vida das pessoas em geral. Também me sinto muito feliz em poder contribuir para a elevação do nível de **letramento em avaliação** nessa área em especial.

Por ocasião da publicação do nosso livro, fomos questionadas porque a publicação estava sendo feita em português, e não em inglês, visto tratar-se de uma área de interesse internacional. Saí em defesa de nossa decisão, uma vez que há muitos anos, além de atuar na área de inglês, também tenho uma trajetória na área de PLE. Nossa grande missão (inclusive, com a implementação do Celpe-Bras, nosso exame de proficiência, da qual sou uma das autoras, se posso assim dizer), tem sido a valorização e promoção do português no cenário internacional.

O fato de estarmos **produzindo** pesquisas em uma área de interesse internacional, sob nossa perspectiva e valores, já merece reconhecimento, uma vez que entendo que as pesquisas devem ser produzidas da perspectiva de línguas diversas e não apenas do inglês.

Embora entenda que o inglês é a língua utilizada para a **disseminação** das pesquisas, também acho que essa disseminação precisa ocorrer em português porque somente nossa língua será levada a sério quando formos capazes de mostrar que ela também pode ser “língua da ciência” e que temos “palavras em português” para designar, adequadamente, novos conceitos, muitos deles que nos chegam através do inglês. O glossário que incluímos no nosso livro tem, portanto, o objetivo de contribuir para essa valorização da nossa língua. Ninguém melhor do que nós, da área da linguagem, trabalhando na interface com outras áreas, para nos encarregar desse trabalho de tradução.

Além disso, por se tratar de pesquisas em uma área relativamente nova, conduzida com recursos nacionais, e de extrema relevância para as pessoas em geral, considero também importante que seja acessível a um público mais amplo e não apenas àqueles “que leem em inglês.

Reconheço que, o ideal, nesse caso, como tenho sugerido em diversas ocasiões, teria sido uma publicação bilíngue (impossível, com os recursos que tínhamos disponíveis). Participei recentemente de um evento na Bélgica dedicado a discutir a internacionalização das universidades e o papel das línguas nacionais nesse processo e todos os participantes -- representantes de países diversos, com experiências mais antigas em processos de internacionalização -- foram unânimes em afirmar a importância das

publicações bilíngues e não apenas em inglês, entre outras medidas de valorização das línguas nacionais.

Para encerrar, quero aproveitar, mais uma vez, para agradecer o convite da Patrícia e da Silvia para a organização do livro e dizer que trabalhar com elas foi uma experiência muito recompensadora e muitíssimo agradável, o que é mais importante. Quero agradecer também os autores dos artigos, membros do GEIA, pela parceria. Não poderia deixar de agradecer ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Unicamp pelos recursos para a publicação do livro.

Bia, muito obrigada por ter sido minha mensageira! Espero não ter me alongado demais. Um excelente evento para todos! Gostaria muito de estar aí!

Matilde V. R. Scaramucci

Unicamp